

Notas e Recensões

advêm, embora seja salutar o arrojo e a dedicação que esta publicação demonstra da incansável investigação das tradições populares orais pernambucanas.

“ALEGRES NUEVAS, ALEGRES NUEVAS SE CUENTAN DE ANDALUCIA”

J. J. Dias Marques*

Desde o início dos anos 80 que a Andaluzia conta com um grupo de entusiastas pela recolha e estudo da literatura oral, nomeadamente do romanceiro. O núcleo dessa equipa é constituído por Pedro Piñero Ramírez e Virtudes Atero Burgos, professores, respectivamente, das Universidades de Sevilha e Cádiz, a que, depois, se juntaram vários outros membros. Até hoje, muitas têm sido as recolhas feitas pelo grupo ou orientadas por algum dos seus elementos, incluindo recolhas levadas a cabo por alunos do ensino básico, secundário ou universitário. Para já não falar de teses de licenciatura e de doutoramento, são várias as publicações que têm a sua origem nesses trabalhos. Dentre elas, destacam-se *Romancero andaluz de tradición oral* e *Romancerillo de Arcos de la Frontera* (ambos de 1986) e *Romancero de la tradición oral moderna* (1987), todos de Pedro Piñero e Virtudes Atero, *En la baranda del cielo. Romances y canciones infantiles de la baja Andaluzia* (1990), de Virtudes Atero e María Jesús Ruiz, e *El romancero tradicional de Jerez. Estado de la cuestión y estudio de los personajes* (1991), de María Jesús Ruiz. Isto para já não falar, claro, de numerosos artigos, três dos quais honram, aliás, as páginas da *E. L. O.*: dois publicados no número anterior (um de Virtudes Atero e Nieves Vázquez, e outro de Pedro Piñero) e um terceiro (de María Jesús Ruiz) no presente número.

Passaremos agora a referir-nos às que são, tanto quanto sabemos, as duas mais recentes obras publicadas por membros do grupo. A primeira delas chama-se *La tradición oral del Campo de Gibraltar*,¹ e, organizada pela Prof^a. María Jesús Ruiz, inclui numerosos materiais recolhidos, fundamentalmente, por alunos do ensino básico e secundário e por membros do grupo de música tradicional Almadraba.

A introdução (da autoria da organizadora) é, ao mesmo tempo, didáctica e profunda. Começa por estabelecer a distinção entre literatura popular e literatura tradicional, chamando a atenção para que “lo que se canta o se cuenta en el Campo de Gibraltar no es un producto exclusivo de la zona [...] la obra popular [...] no conoce fronteras” (p. 22), facto que nunca é de mais sublinhar numa obra destinada, como esta, ao grande público, o qual, geralmente, tem sobre a literatura oral a ideia contrária. A autora não deixa, claro, de acrescentar que “lo que sí podemos rastrear como peculiar de cada grupo transmisor es la huella que, como innovación, ha imprimido a la materia heredada” (*loc. cit.*).

Trata, seguidamente, dos contextos em que a literatura oral era/é usada e as características dos seus transmissores, numa perspectiva que, por ser muito semelhante

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U. C. E. H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 FARO. Portugal.

¹ María Jesús Ruíz [*sic*] Fernández, *La tradición oral del Campo de Gibraltar*, Cádiz, Diputación Provincial de Cádiz, 1995.

(embora apresentando menos pormenorização) à usada na obra de Virtudes Atero sobre que mais à frente nos debruçamos, referiremos quando tratarmos desta última.

María Jesús Ruiz passa, depois, a tratar de cada um dos sub-géneros presentes no livro, começando pelo romanceiro. Fala do interesse despertado pelos romances no séc. XIX, nomeadamente da recolha de dois textos orais feita por Bartolomé José Gallardo na cadeia de Sevilha, onde, em 1825, se encontrava, devido às perseguições absolutistas. Permita-se-nos aqui uma rectificação: não se pode dizer que este episódio “habría de cambiar la historia del romancero radicalmente”, nem que “abrió definitivamente la pasión estudiosa por el género e impulsión a que el círculo de recolectores e investigadores se extendiera progresivamente por toda la comunidad panhispánica” (p. 27). De facto, conforme bem sublinhou Costa Fontes, Gallardo, ao recolher os textos, fê-lo, provavelmente, “como passatempo, sem dar-se conta da importância do achado, [...] não volt[ando] a prestar-lhes qualquer atenção”,² pelo que os dois romances por si recolhidos só foram publicados nos nossos dias, nos volumes IV e VII do *Romancero tradicional de las lenguas hispánicas* (respectivamente, em 1970 e 1975). O primeiro estudioso a chamar a atenção para o romanceiro da tradição oral moderna foi, sim, Almeida Garrett. Exilado em Inglaterra, devido às suas ideias liberais, este autor pôde tomar contacto com as realizações que ali se levavam a cabo no campo da recolha da poesia oral e do seu aproveitamento pela literatura institucionalizada. Lembrando-se dos romances que ouvira na meninice, entrou em contacto com uma sua amiga de Lisboa, pedindo-lhe que recolhesse alguns e lhos enviasse. Tal recolha (de cerca de 15 romances) foi feita entre Outubro de 1823 e Janeiro de 1824, tornando, pois, essa jovem anónima de Lisboa o primeiro colector do romanceiro oral moderno.³ Por seu lado, Garrett “compreendeu muito bem a importância dos romances”: deu a conhecer dois deles logo em 1828, continuou as recolhas, e publicou o seu *Romanceiro* em 1843 (I vol.) e 1851 (II e III vols.), tendo sido, ele sim, “quem inspirou todos os trabalhos de recolha posteriores, tanto em Portugal como em Espanha”.⁴

Terminado este parêntese (motivado não por quaisquer pruridos bairristas, mas apenas por uma necessária, segundo julgamos, preocupação de rigor), voltemos ao texto introdutório, onde a Prof^a. María Jesús Ruiz, depois de tratar dos romances de origem velha e dos vulgares, se refere aos chamados romances de cordel, estabelecendo as suas características, em contraste com os antes nomeados. Fala em seguida da lírica tradicional, sobretudo das *coplas de chacarrá*, ligadas ao flamenco, e que, do ponto de vista estrutural, são, fundamentalmente, quadras soltas.

A autora refere-se depois aos contos, citando as primeiras recolhas deste sub-género na Andaluzia (por Fernán Caballero e, de modo já científico, por Aurelio Espinosa e Arcadio Larrea Palacín) e enunciando as características que eles apresentam na zona: em primeiro lugar, terem sobretudo temas “relacionados com la burla, el anticlericalismo y la escatología en general”; em segundo lugar, apresentarem “con muchísima frecuencia rasgos ambientales de la misma localidad en donde se transmiten” (ou seja, os seus narradores “recurren a la referencialización de la fábula

² Manuel da Costa Fontes, “O Romanceiro Açoriano: Panorama e Sugestões de Estudo”, in Onésimo Teotónio Almeida (org.), *Da Literatura Açoriana. Subsídios para um Balanço*, Angra do Heroísmo, União Gráfica Angrense, 1987, p. 189.

³ Ver J. J. Dias Marques, “Nota sobre o Início da Recolha do Romanceiro da Tradição Oral Moderna”, *Boletim de Filologia*, XXXII (1988-92), pp. 71-82.

⁴ M. Costa Fontes, art. cit., p. 190.

para aproximarla a su propio contexto social y humano”); em terceiro lugar, revelarem “una clara tendencia a la brevedad frente a sus originales primeros” (p. 34). Não querendo entrar num terreno em que somos menos que hóspedes, gostaríamos, porém, de chamar a atenção, a propósito da primeira característica atrás mencionada, para o facto de, em toda a Europa, os contos actualmente preferidos, aqueles que mais facilmente surgem numa situação de recolha, serem os contos de espertezas e facécias, muitos deles próximos da anedota, o que, naturalmente, contribui para a terceira característica: tais contos são, pela sua própria natureza, curtos e, sem dúvida, bastante mais curtos que os contos maravilhosos, os quais aparecem com bem maior dificuldade. Aliás, o conto de longe mais comprido desta colectânea, “Antoñito y Antoñita” (uma completíssima versão de AT 706, *The Maiden Without Hands*) é, não certamente por acaso, um conto maravilhoso. Finalmente, quanto à segunda das citadas características, trata-se dum facto que pensamos se dá em todas as tradições, e de que, a propósito, podemos apreciar um exemplo neste número da *E. L. O.*, no artigo de Manuel Ramos, em que o autor mostra como a versão que publica se adaptou ao contexto social e humano em que foi recolhida.

Na última parte da introdução, María Jesús Ruiz refere-se aos ditados, adivinhas e trava-línguas, determinando nestes últimos os três processos de composição mais usados.

Publicam-se seguidamente os textos, que se dividem pelos sub-géneros que a autora comenta na introdução, surgindo, além disso, um grupo de orações. Os romances constituem, de longe, o sub-género melhor representado, facto que, provavelmente, se deve ao interesse dos colectores e não à sua maior vitalidade na tradição oral da zona. Surpreende, sobretudo, a pequena quantidade das orações recolhidas (10 textos).

Quanto aos romances, encontram-se classificados segundo os títulos usados pela crítica actual, sempre que eles existem. No que diz respeito à organização deste capítulo, permitam-se-nos algumas sugestões, que oferecemos à consideração da Prof^a. María Jesús Ruiz, tendo em vista futuras edições da obra. Assim, do mesmo modo que, no texto nº 13, se explicita ser ele formado por “*O Soldado + A Aparição*, poder-se-ia, talvez, ter assinalado outros casos de versões contaminadas, por exemplo, os nºs 16 (que, além de *Colhido por um Comboio*, é formado por *Casamento e Enterro em Contraste*) e 29b (que, começando com *Gerinaldo*, continua com o *Conde Sol*). Para o grupo dos romances deveriam, na nossa opinião, ser deslocadas as versões nºs 2-4 do capítulo das Orações, por serem textos romancísticos.

Por outro lado, talvez se pudesse ter criado um capítulo dedicado às canções narrativas estróficas, que aqui surgem juntas com os romances, seguindo —verdade seja dita— o critério adoptado em muitas outras obras. Porventura mais problemática será a colocação, entre os romances, de *La baraja* (*O Baralho de Cartas*) e *La pulga y el piojo* (sobretudo conhecido em Portugal por *Diz o Galo para a Galinha*), que, como canções cumulativas que são, teríamos preferido passar para o sub-capítulo da lírica a elas dedicado.

Ao contrário do que aconteceu com os romances, os contos não estão classificados, tendo-se-lhes atribuído títulos *ad-hoc*, facto que, naturalmente, torna menos fácil a consulta da colecção. Na verdade, como saber que, por detrás do já citado título “Antoñito y Antoñita”, se esconde uma versão de “A Menina sem Mãos”? De sublinhar, no entanto, que os contos foram modelarmente transcritos, tendo-se

respeitado as repetições de palavras e frases, as emendas feitas pelos informantes (“Un príncipe, la madre dice”—p. 151) e outras marcas de oralidade, o que permite reconstituir de modo bastante preciso o acto da narração.

Em resumo, esta *Tradición oral del Campo de Gibraltar* é uma obra muito bem-vinda e que, além de oferecer um panorama dos vários sub-géneros da literatura oral da zona (ótimo sobretudo no que diz respeito ao romanceiro), constitui uma importante achega para o estudo dessa literatura na Andaluzia.

Abundantes materiais para o estudo do romanceiro andaluz é o que nos traz também uma obra há pouco publicada por outro dos membros do grupo a que acima fizemos referência. Falamos da Prof^a. Virtudes Atero e do seu monumental *Romancero de la Provincia de Cádiz*, organizado, aliás, em colaboração, com (entre outros) a Prof^a. María Jesús Ruiz.⁵

A introdução, longa (66 páginas), pormenorizada e cheia de interesse, inicia-se com um panorama histórico da recolha em Cádiz, iniciada em 1905, por C. Sanz Arizmendi. Mas a grande época da exploração do romanceiro daquela província começou em meados dos anos 70, com os trabalhos de campo de Carmen García Surrallés e de alunas suas da Faculdade de Ciências da Educação de Cádiz. Os textos obtidos serviram, aliás, de base à tese de doutoramento desta professora (1988).

Em 1979, estreou-se nas lides da recolha do romanceiro a organizadora da obra agora em apreço, Virtudes Atero, que ao material por si recolhido na Serra de Cádiz dedicou a sua tese de doutoramento (1986). Em 1982, acompanhando o Prof. Pedro Piñero, realizou investigações em Arcos de la Frontera, vila em que, ao contrário do que acontece, infelizmente, no resto da província, o romanceiro mantém bastante vitalidade, graças aos ritos de Natal a que está ligado. Dessa campanha resultou, em 1986, o *Romancerillo de Arcos de la Frontera*, a que já nos referimos.

Face aos bons resultados conseguidos, Pedro Piñero e Virtudes Atero decidiram formar, em 1983, um grupo que levasse a cabo a recolha em escala mais alargada, para o qual contaram com a colaboração de vários dos seus estudantes das Universidades de Sevilha e Cádiz, alguns dos quais, aliás, passaram também a realizar recolhas por conta própria. O resultado destes empreendimentos está à vista: hoje em dia, Virtudes Atero pode dizer, com natural orgulho, que “se han recorrido todos y cada uno de los pueblos de la provincia y en todos ellos hemos encontrado quien nos cantara un romance” (pp. 43-44). No momento de organizar o livro, a colecção gaditana contava com 3468 versões⁶ de 120 temas.

A autora refere-se depois às várias actividades, de trabalho ou lazer, a que estavam ligados os romances e que garantiram a sua vitalidade. No entanto, tais actividades são hoje realizadas de modo diferente (por exemplo, os trabalhos do campo encontram-se mecanizados), o que implica que os trabalhadores tenham deixado de cantar, e, por outro lado, os meios de comunicação, sobretudo a televisão, desterraram o canto dos romances dos momentos de lazer. Tais mudanças explicam que “el

⁵ Virtudes Atero Burgos, *Romancero de la Provincia de Cádiz*, edición, introducción e índices de..., con la colaboración de Antonio José Pérez Castellano, Enrique Baltanás y María Jesús Ruiz Fernández (*Romancero general de Andalucía*, dirigido por Pedro M. Piñero Ramírez, I), Cádiz, Fundación Machado/Universidad de Cádiz/Diputación Provincial de Cádiz, 1996.

⁶ Este número (indicado na p. 43) é o correcto, conforme nos confirmou a autora. Na p. 80, por gralha, indica-se como total 3648.

romancero perviva en Cádiz mucho más de forma soterrada, oculto en la memoria de sus gentes, que de forma espontánea” (p 48).

Fala-se, seguidamente, dos informantes, que, na sua maioria, são idosos, e, dum modo esmagador, mulheres (823, face a 95 homens). Esta última realidade, embora comum a muitas outras regiões do mundo pan-ibérico, é, no caso de Cádiz, favorecida pelo facto de, em toda a Andaluzia, a canção masculina ser o flamenco, que, esse sim, dignifica qualquer homem que o cante. Os romances, pelo contrário, encontram-se ligados ao mundo feminino, o que explica o “extremado pudor ante la encuesta romancística” dos homens da região, os quais, mesmo quando acederam a ser gravados, o fizeram “siempre dentro de sus casas, entre sus mujeres, nunca en presencia de otros hombres” (p. 50). Virtudes Atero lembra, a este propósito, “un hecho incuestionable que no [s]e atrevería a calificar ni como causa ni como consecuencia” da referida ligação à esfera feminina: “el romancero recrea un mundo relacionado eminentemente con la mujer [...] la mayoría de los temas tratados en los romances reflejan un universo de conflictos perpetuamente femeninos” (p. 49). Constatação muito interessante, que, sem dúvida, se poderá fazer a propósito doutras sub-tradições (de todas?) e que constitui um bom tema de reflexão.

Refere-se, depois, a autora às características do romanceiro gaditano, que parecem ser as da generalidade do romanceiro andaluz. Assim, no que diz respeito aos temas, verifica-se a ausência de romances épicos, fronteiriços ou históricos antigos, pelo que estamos em presença dum romanceiro novelesco ou religioso, predominando, neste último, claramente, o ciclo do Natal e da Infância de Cristo. Virtudes Atero, a propósito, chama a atenção para que, em todos os romances “que recrean pasajes de la vida de Cristo, la protagonista indiscutible es la Virgen”, pelo que “el romancero [...] parece recrear los Evangelios desde una óptica mariana” (p. 61). Explicar-se-á este facto —perguntamos nós— pela acima aludida ligação privilegiada entre mundo feminino e romanceiro? Pela inclinação mariana do catolicismo em geral, e do andaluz em particular? Por ambas as razões?

Além disso, o romanceiro de Cádiz caracteriza-se, sublinha a autora, pelo “predominio de la innovación sobre la herencia”, sendo os seus tipos textuais “más modernos, más inventivos que los del Norte peninsular” (p. 68). Como exemplo dessa característica, Virtudes Atero escolhe a versão da *Bella en misa* recolhida em Barbate (nº 87). De facto, explica,

lo más interesante de esta versión es, sin duda, su especial forma de actualización que, alterando sustancialmente el sentido de la fábula primitiva, convierte el texto en un relato erótico-festivo donde lo importante es el efecto regocijante que la ‘blanca pierna’ de la Corregedora [a “bella” que vai à missa e, ao descer do carro, deixa ver parte da perna] produce entre los asistentes al templo. Todo ello provoca un desplazamiento fundamental del centro de interés del relato en relación a las demás versiones conocidas del romance (*loc. cit.*).

Não pondo em dúvida que a inovação seja uma característica do romanceiro andaluz (já Menéndez Pidal chamava a atenção para esse facto), não podemos, porém, deixar de notar que o exemplo escolhido não nos parece o melhor. Na verdade, é um facto que, em relação ao mais antigo texto conservado (*Primav.* 143), temos, na versão andaluza, uma mudança de centro de interesse, o qual, no texto quinhentista, é, claramente, o elogio da dama, conseguido sobretudo pela descrição que se faz dela e

Notas e Recensões

dos seus ricos atavios, sendo sujeito da enunciação o seu apaixonado. Mas não é menos verdade que o carácter “erótico-festivo” e o novo centro de interesse que a autora sublinha na versão andaluza se encontram também em vários textos de outras tradições. De facto, por exemplo, em duas versões portuguesas, ambas trasmontanas (e, portanto, bem *do Norte*), deparamos, por um lado, com uma ausência total de descrição da beleza física e vestimentária da dama (ao contrário do que acontece no texto velho —onde ocupa cinco versos— ou mesmo na versão andaluza, embora aí apenas ocupe um verso e meio) e, por outro, com o fulcro da história claramente transferido para a enumeração (feita por um sujeito da enunciação indeterminado) das acções cómicas que, numa situação tão séria como a da celebração da missa, provoca a chegada de “D. Maria”, para mais em homens ligados às funções sacras e que, portanto, deveriam ser insensíveis à beleza feminina. Note-se que os versos relacionados com os efeitos dessa chegada ocupam a grande maioria do texto das versões trasmontanas: por exemplo, na versão de Vinhais, que mais à frente transcrevemos, tais referências ocupam quase dois terços do texto (8 versos dum total de 11), enquanto na versão andaluza apenas ocupam metade (8 versos num total de 16). Vejamos o texto de Vinhais:

Em Castela há um santo que se chama S. Simão,
onde vão frades e freiras ouvir a missa e sermão,
e também D. Maria, das mais altas que lá vão.
Ao entrar para a igreja sete padres namorou:
o que estava a dizer missa logo para trás olhou;
o que mudou o missal sete folhas lhe rasgou;
o que lhe dava as galhetas todo o vinho lhe arramou
e o que tocava o sino do campanário saltou.
Quebrara sete costelas e um braço deslocou.
Mal haja a D. Maria e mais quem na cá passou;
em tão pouquinho tempo tanto mal ela causou!⁷

Mas voltemos à introdução da Prof^a. Virtudes Atero. Sublinha ela que as referidas “formas inovadoras andaluzas conllevan las más de las vezes la simplificación o reducción de los textos”, apresentando “los temas reducidos a lo estrictamente necesario para la comprensión de la historia, sin detenerse en detalles superfluos o en adornos innecesarios”, ao contrário do que “es habitual en las más circunstanciadas versiones norteñas” (p. 68). Claro que tal “essencialidade”, como ensina Menéndez Pidal, se encontra em todo o romanceiro tradicional, em confronto com o antigo, mas é um facto que, na tradição andaluza, encontramos vários exemplos mais profundos dessa “concentrada brevidade” (para usarmos, novamente, termos pidalianos), acompanhada, além disso, pelo desaparecimento de sequências e pelo uso dum final truncado, o que chega a alterar a própria história. É o caso duma lindíssima versão do *Bernal Francês* (nº 34.1), para que a autora chama, muito justificadamente, a atenção, e em que a truncagem do texto arrastou consigo uma grande mudança na história, que passou a ser a dum homem face à morte. O texto, quase mais lírico que narrativo, apresenta, além do mais, uma linguagem que constitui um óptimo exemplo das alturas a que, na literatura oral, pode chegar a função poética. Vale bem a pena transcrevê-lo:

⁷ J. Leite de Vasconcelos, *Romanceiro Português*, II, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1960, nº 743.

Notas e Recensões

Tras, tras, que a la puerta llaman, tras, tras yo no puedo abrir.
Tras, tras, si será la muerte, tras, tras, que vendrá por mí.
Al subir las escaleras una sombra negra vi;
me cogieron de la mano, me apagaron el candil.
Mientras más me retiraba, más se acercaba de mí;
me cogieron de la mano, me llevaron al jardín.
—¡Ay, Dios mío de mi alma! ¿qué es lo que me pasa a mí?—
Tuve sábanas de rosa y almohada de jazmín.

Depois duma referência ao importante romanceiro dós ciganos de Cádiz (de que, por ser exclusivo dum grupo étnico e muito diferente do resto do romanceiro gaditano, a autora decidiu não publicar qualquer texto, facto que, certamente, muitos leitores lamentarão), o texto introdutório termina enunciando detalhadamente os critérios de edição adoptados.

Segue-se um mapa da província de Cádiz, com os “pueblos que integran cada comarca”, outro mapa da mesma província, indicando, de forma gráfica, o “número de versiones por pueblos”, um quadro com o “número y sexo de los informantes por comarcas y pueblos”, outro dos “temas cantados por orden de frecuencia”, outro com a “distribución de temas y [número de] versiones [de cada tema] por comarcas”, um gráfico do “número y sexo de los informantes por comarcas” e, finalmente, outro indicando as “edades de los informantes”. Tais dados, assim tão exaustivamente oferecidos e tratados, demonstram muitas das observações feitas na introdução e, além disso, fornecem material para futuros estudos, nomeadamente comparativos com outras zonas.

Vêm depois as versões, representando 120 temas diferentes. Em vez de publicar todas os textos recolhidos, Virtudes Atero preferiu (e, na nossa opinião, acertadamente) incluir apenas uma selecção significativa (442 textos).

Note-se que as versões são apresentadas sem aparato de variantes, o que (perdoe-nos a autora a franqueza) nos parece de lamentar. Sendo as variantes uma realidade em qualquer recolha, é impossível que elas tenham estado ausentes de todas as gravações que produziram os textos nesta obra publicados. Ora, sem a pretensão absurda de ensinar o pai-nosso ao vigário, não podemos deixar de lembrar que, constituindo o romanceiro uma “poesia que vive em variantes”, estas se revestem, portanto, de grande importância para o estudo dos mecanismos que regem tal sub-género. A fixação por escrito das variantes, sobretudo se feita dum modo rigoroso e comportando as necessárias informações sobre pormenores importantes da recitação (por exemplo, as hesitações do informante num certo verso, a indicação de ele ter emendado determinada variante sua por considerá-la errada, a omissão dum hemistíquio ou dum verso durante uma das recitações, a dificuldade com que recordou uma passagem, e também os seus comentários, risos, etc.), tal fixação, dizíamos, pensamos que oferecerá importantes informações sobre o processo dinâmico de memorização e de evocação do romance e sua concomitante transformação, informações que poderão revelar-se inestimáveis, não só para uma leitura mais profunda do texto em causa, mas também para um melhor conhecimento, como dissemos, dos mecanismos do romanceiro e mesmo de toda a poesia oral. É possível, no entanto, que a opção de não indicar as variantes na obra em apreço tenha sido

Notas e Recensões

motivada por se pretender que ela atinja um público mais vasto (o que, aliás, fazemos votos por que aconteça), que olharia tais aparatos como desnecessários e rebarbativos.

O livro conclui-se com cinco índices e um apêndice. Este começa por três extensas e utilíssimas listas que fornecem informação sobre a totalidade das recolhas (já que neste livro, como dissemos, se publica apenas uma parte do material): uma “relación de lugares, temas y [número de] versiones [de cada tema]” recolhidos em cada um desses lugares, uma “relación de lugares y informantes” e uma “relación de colectores”, fornecendo estas duas últimas, como se imagina, também a indicação dos temas recitados ou recolhidos por cada pessoa. Finalmente, incluem-se duas listas, enumerando os “textos inéditos gaditanos” existentes, por um lado, no arquivo do Seminario Menéndez Pidal e, por outro, nos materiais da Sección Femenina. De cada um desses textos fornece-se uma pormenorizada informação, com nome e idade do informante, local, data e autor da recolha, número de hemistíquios e *incipit*.

Este *Romancero de la provincia de Cádiz* é o I vol. do *Romancero general de Andalucía*, dirigido por Pedro Piñero. Tendo em atenção a elevada qualidade da obra que acaba de ser publicada e os muitos serviços que irá prestar a todos os estudiosos do romancero, é com natural expectativa que aguardamos a publicação do II vol. da série.

Para terminar esta nota, restam-nos apenas duas coisas: a primeira, fazer votos por que as demais regiões de Espanha, de Portugal e do mundo pan-ibérico saibam seguir o exemplo da Andaluzia na sua dedicação à recolha e estudo da literatura tradicional; a segunda, é transcrever o começo dum romance, raro e inédito, que apresenta uma realidade inteiramente confirmada pela investigação histórica:

Alegres nuevas, alegres nuevas se cuentan de Andalucía,
de las encuestas y libros, todo de muy gran valía,
de los de Sevilla y Cádiz, que el laurel merecían.

BEATRIZ MARISCAL, *ROMANCERO GENERAL DE CUBA*, MEXICO, EL COLEGIO DE MEXICO, 1996

J. J. Dias Marques*

A Prof. Beatriz Mariscal é uma estudiosa mexicana bem conhecida pelos seus numerosos artigos, por *La balada occidental moderna ante el mito. Análisis semiótico del romance de La muerte ocultada* (tese de doutoramento, University of California, San Diego, 1978) e por *La muerte ocultada*, vol. XII do *Romancero tradicional de las lenguas hispánicas* (1984-85), que organizou e para o qual escreveu uma extensa e documentadíssima introdução. Além disso, tem colaborado na maioria dos projectos romancísticos do Seminario Menéndez Pidal (Madrid), pelo que bem se lhe poderá chamar “representante do Seminario no continente americano”, como uma vez ouvimos dizer a um sorridente Diego Catalán.

Neste *Romancero general de Cuba*, Beatriz Mariscal publica todos as versões daquele país que se conhecem, quer as já editadas (geralmente em livros ou artigos de

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U. C. E. H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 FARO. Portugal.